

ARQUEOLOGIA E SOCIALIZAÇÃO DO CONHECIMENTO: INDIANA JONES, MOSTRE-NOS O QUE SABES

Aline Carvalho
Bruno Sanches Ranzani da Silva

Há algumas décadas o professor e escritor catalão Jorge Wagensberg almeja entender os processos de **construção do conhecimento científico**. Todavia, ao contrário do que alguns poderiam imaginar, o foco do autor não está ajustado apenas ao cotidiano dos investigadores acadêmicos; consagrados por seus cargos e prêmios. No viés oposto ao desta cena, Wagensberg volta-se também às crianças e adolescentes e aos seus possíveis prazeres advindos do complexo ato de aprender e ensinar. Para compreender o processo de produção do conhecimento científico, o professor rompe as barreiras dos laboratórios e das universidades, chegando ao que poderíamos chamar de vida cotidiana dos não acadêmicos.

Um dos resultados dessas reflexões, estimuladas pela experiência do autor como diretor do museu de ciência CosmoCaixa, em Barcelona, foi a publicação, em língua espanhola, do livro *El gozo intelectual* (2007) (1). Mesclando observações sobre sua rotina, fórmulas matemáticas, conceitos da biologia, entre outros elementos, Wagensberg afirma: “Os três fundamentos [do processo de vivência e produção da ciência] são ‘estímulo’, ‘conversa’ e ‘compreensão’ ou ‘intuição’” (2).

Para ele, que, de certa forma, revaloriza o aprendizado através das vivências e dos sentidos – proposta já articulada por Paulo Freire (3) –, o conhecimento e a reflexão, compostos pelas inseparáveis prática e teoria, possuem um imenso peso ao “fabricar” a crítica (4). É claro que as instituições acadêmicas e de ensino, de uma forma geral, possuem um papel crucial na produção dessa crítica do mundo. Mas, é importante notar que, para o autor, ela não se inicia ou se finaliza aí.

A formação da crítica, e mesmo da ciência, para Wagensberg, se dá a partir de um longo e divertido processo de “estímulo”, “conversa” e “compreensão” ou “intuição” que são anteriores às experiências universitárias. Em outras palavras, o cientista não é formado apenas pela academia, e mesmo quem não passa pela experiência acadêmica também produz crítica e pode produzir ciência.

Essa proposta geral nos redireciona a desafios que não são novos; como, por exemplo, a necessidade de romper com a valorização da “torre de marfim” e com uma educação puramente formalista descrita pelo filósofo Jean J. Rousseau (5). A recontextualização desses desafios podem nos levar a questões como: por que, como e para o que fazemos ciência? E, o melhor, com quem andamos fazendo ciência? Até mesmo se a ciência deve ser a principal lente pela qual vemos o mundo.

A leitura do processo de produção do conhecimento científico feita por Wagensberg é bastante interessante para a arqueologia; ci-

ência que trabalha com a cultura material, ou seja, tudo aquilo que é produzido ou modificado pela sociedade, seja no passado ou no presente (6). Para fazer a articulação entre a proposta de Wagensberg e as possibilidades abertas pela arqueologia, partimos da premissa de que a arqueologia produzida na contemporaneidade é mais plural! Apesar de ter sua origem vinculada às ações imperialistas do século XIX, hoje, a arqueologia pode questionar os discursos homogeneizadores e vincular-se aos anseios daqueles que estavam às margens das narrativas oficiais: indígenas, mulheres, caiçaras, pobres, entre muitos outros grupos identitários até então silenciados.

Acreditamos, portanto, que a arqueologia produzida de forma plural pode produzir críticas ao mundo que está ao nosso redor e que, com isso, pode abrir possibilidades para construir caminhos alternativos para as vivências humanas no presente e no futuro (7). E, com essa premissa, voltamos à proposta de Wagensberg: é preciso dialogar, estimular a reflexão sobre o mundo que nos cerca, gerando novas compreensões ou mesmo intuições sobre aquilo que pode ser diferente. Os diálogos não devem, todavia, se restringir ao universo acadêmico. O conhecimento arqueológico precisa ser construído de forma colaborativa, democrática e complexa; ele precisa, assim, entre outras coisas, circular!

ARQUEOLOGIA CIRCULANDO Desde o final dos anos 1970, um novo vocábulo surge na arqueologia. Inicialmente usado para referir-se a políticas públicas para a preservação do patrimônio arqueológico (8; 9; 10), o termo “arqueologia pública” passou, com o tempo, a designar práticas mais diversas. De maneira breve, consideramos aqui a arqueologia pública como uma abertura à prática autocrítica da arqueologia, levando em conta seu impacto sobre a sociedade na qual se insere e seu potencial político de transformação dos discursos vigentes. Defendemos, portanto, que arqueólogos e arqueólogas não são os únicos que pensam sobre o passado e, muitas vezes, suas (e nossas!) perspectivas entram em conflito com outras narrativas sobre o passado e o presente.

Nas palavras de Nick Merriman (11), para que a ciência possa compreender o público é preciso antes entender como o público compreende ciência. Podemos advogar à arqueologia pública o papel de reflexão sobre o que tem sido produzido do arqueológico fora do meio disciplinar. “O significado da arqueologia na cultura popular é um tópico que nasceu daquele mesmo processo de abertura da disciplina arqueológica, manifestando uma tendência rumo a uma verdadeira arqueologia pública” (12).

Nosso propósito, nas páginas que se seguem, é pensar nas possibilidades pedagógicas da televisão e cinema, através de uma experiência em sala de aula; ou seja, estamos focando um instrumento (de muitos) que pode ser usado para o debate aberto sobre o fazer arqueológico. A aproximação do público leigo à arqueologia, através dessas imagens pode ser muito mais efetiva, justamente por ser mais afetiva (13). A questão talvez não esteja em destruir a imagem da arqueologia veiculada pela mídia, muitas vezes fantasiosa, mas usá-la de modo crítico.

A experiência com os filmes que abordam a temática da arqueologia foram vivenciadas por Bruno Sanches Ranzani da Silva, coautor

deste artigo, que, entre os anos de 2011 e 2012, teve a oportunidade de ingressar como docente no ensino superior, e, com isso, colocar em prática algumas ideias sobre arqueologia pública, especialmente no que tange à didática.

SEXO, EVOLUÇÃO E DIDÁTICA A dinâmica adotada foi a de apresentação de filmes e documentários, seguida de análise crítica da obra e reflexão sobre o conteúdo das imagens. Esse exercício proporcionou uma apresentação mais dialogal acerca dos conteúdos previstos para as aulas.

Abordaremos as dinâmicas relativas a duas séries de vídeos mais usados nos cursos: *The incredible human journey* (A incrível jornada humana) (14) série de 5 episódios, com cerca de 50 minutos cada, da BBC de 2009, que parte do ser humano moderno e procura os caminhos de dispersão da humanidade pelo mundo enquanto esclarece detalhes sobre a evolução humana; *Indiana Jones*, um clássico de Steven Spielberg e George Lucas com 4 filmes, começando em 1981 e terminando em 2008. O seriado foi usado nas disciplinas de pré-história geral (para turmas de bacharelado e licenciatura em história), cujo conteúdo cobre do surgimento do primeiro ancestral humano ao aparecimento das sociedades de Estado. O filme *Indiana Jones* foi usado nas disciplinas de patrimônio arqueológico (turma de turismo) e arqueologia I (turma de bacharelado em história) nas aulas de introdução à arqueologia.

Para começar com o cinema, *Indiana Jones*. A experiência com esse personagem nas aulas foi no princípio dos cursos citados, para trazer à tona uma questão crucial: o que é arqueologia? O filme do impressionantemente ágil e atlético professor de arqueologia mostra uma série de desfalques da prática arqueológica, ao mesmo tempo em que apresenta práticas comuns e nos lembra que muitos desses desfalques não são apenas invenções de uma mente imaginativa. Citaremos apenas três cenas que sumarizam fantasias e cotidianos da prática arqueológica:

1) A cena do filme *Indiana Jones e os caçadores da arca perdida* (15), em que Jones, em campo, foge de uma bola de pedra gigante depois de ter entrado em um santuário indígena em alguma parte remota da América do Sul, roubado um ídolo de ouro, sido enganado por um nativo hispânico (que pagara com a vida por essa traição). Suas roupas têm traços do que comumente usamos em campo. Chapéu contra o sol, camisa e calça de uma cor qualquer (de preferência alguma cor próxima a da terra a nos cobrir). Não usamos chicote em campo. Estamos, pelo menos hoje, mais preocupados em entender o cotidiano das populações pretéritas que embalar relíquias raras e enviá-las para museus. A prática colecionista, no entanto, foi um dos movimentos de interesse pelo passado que culminou com a arqueologia (16). Além de colecionista, o nacionalismo implicado em nossa disciplina soe o poder adquirido pelos Estados coloniais a cada relíquia tomada dos povos dominados. A repatriação desses espólios é parte do movimento que inaugura a arqueologia pública, e Indiana Jones nada mais faz que nos lembrar mais essa falácia disciplinar que não foi inventada pelos romances. Com exceção de parte da indumentária, o intrépido aventureiro reproduz uma imagem da arqueologia que lutamos para desfazer – a do aventureiro colonialista.

2) A cena em que Jones (15), agora em uma aula na universidade, menciona uma tumba neolítica. Suas roupas não são estranhas ao meio universitário (muito menos de sua época), o tema da aula tampouco escapa ao nosso cotidiano. A citação do professor Jones sobre a diferença entre ladrões de tumba e arqueólogos é emblemática da prática colonial que perfez a história da disciplina – ele diz que o folclore é um dos maiores perigos para a ciência. A retirada de peças e escavações, pelo contrário, não são destrutivas, pois são realizações científicas por profissionais que não creem no folclore. Pois esse outro disparate humanista fez parte (e ainda faz) das ciências desde o iluminismo – nada além da razão cartesiana é digno de respeito. O ensino da arqueologia, como o ensino de qualquer outra disciplina, é um dos meios de seu fortalecimento, divulgação de sua prática e profissionalização. Indy merecia um puxão de orelha por acusar o folclore de “perigoso para a ciência”.

3) A última cena, retirada também do filme *Indiana Jones e o templo da perdição* (17) mostra o intrépido galã usando seu chicote para algo mais que cruzar penhascos e nocautear peões no tabuleiro das batalhas. Como parte de seu extenso acervo de aventuras e recompensas está a prova última de sua masculinidade: laçar a bela donzela. Essa cena, definitivamente, é a maior “trollagem” possível da arqueologia. Durante muito tempo, sim, a arqueologia foi uma prática masculina, assim como muitas outras em nossa sociedade machista. No entanto, há tempos que as mulheres conquistaram seu espaço na arqueologia brasileira e internacional, entre coordenadoras de projetos, cátedras universitárias, diretoras de instâncias máximas na gestão do patrimônio arqueológico e donas de empresas de consultoria. Essa cena descreve, pelo menos a nosso ver (e espero estarmos afinados com nossos colegas), o fiasco do machismo em nossa disciplina.

O documentário *A incrível jornada humana* (14), com seus cinco episódios, possui um apelo diferente. Sua proposta não é apenas vender entretenimento, mas sim divulgar a ciência de um modo acessível. Uma médica e antropóloga, loira, jovem, magra, sorridente e simpática com todos que encontra em suas viagens, de bosquimanos à arqueólogos chineses, apresenta essa jornada incrível através da aventura da pesquisa e da excitação da descoberta (ela sempre conclui suas entrevistas com o apontamento: “você deve ter ficado muito empolgado com essa descoberta, não?”). Nessa “incrível jornada” diversos personagens e situações pelas quais passa a Dra. Roberts mesclam dados conhecidos pela comunidade científica internacional com inusitadas e estereotipadas imagens da arqueologia.

O primeiro episódio apresenta uma visão do arqueólogo próxima a do filho de Indiana Jones no último filme *Indiana Jones e o reino da caveira de cristal* (18): másculo, tatuado, motoqueiro, jovem (aparenta a mesma idade da apresentadora), um norte-americano desbravando os desertos árabes em busca de vestígios da migração do *Homo sapiens* para fora da África. Sua imagem se parece muito com a do filho de Indiana Jones que surge nesse filme. Essa imagem nos parece nada mais que a atualização do aventureiro Jones (que foi a atualização de seu pai, Henry Jones, no filme anterior) (19).

As imagens apologéticas continuam com outros personagens do documentário. O conhecido litólogo Bruce Bradley porta barba e

cabelos compridos, sem muitos cuidados, lentes grossas e uma sabedoria experimental sobre ferramentas de pedra de 250 mil anos atrás.

Outros dois senhores intrépidos são Michel LorBlanchet e Klaus Schmidt. O primeiro, também um senhor de barba e cabelos brancos, expressando sua francofilia através da boina, e seu peculiar trabalho com a boca pintada de carvão a cuspir em sua mão na parede. O segundo, um arqueólogo alemão que se protege do árido sol turco com um clássico turbante branco, óculos escuros, comportamento jovial apesar do claro queixo descolorido pelo tempo.

Essas imagens podem facilmente ser associadas ao personagem de Sir Henry Jones, pai de Indy, que aparece no terceiro filme da série, *Indiana Jones e a última cruzada* (19). Interpretado por ninguém menos que Sean Connery, um dos mais famosos incorporadores do agente secreto James Bond. Henry Jones poderia ser aludido à caricatura proposta por Alfred Kidder de “arqueólogo do queixo peludo”, o barbudo mestre, sabedor dos segredos de línguas e escrituras perdidas; enquanto seu filho, Indiana Jones, nos remete às aventuras da juventude, ao charme galanteador, ao “peito cabeludo” do másculo explorador, novamente usando a caricatura de Kidder, e a vivência com o trabalho que, um dia, lhes garantirá o professorado e as sábias barbas brancas.

Fica a questão: Qual seria o problema com arqueólogos barbudos e inusitados, ou com arqueólogos jovens, aventureiros e curiosos? E com bioantropólogas jovens e simpáticas? Essas não são características vivas nas pessoas? Não são reais nos e nas profissionais? Será que Indiana Jones, falácias colonialistas a parte, estaria tão contrário a nossa real imagem? Em seu artigo “um show de moda arqueológico”, Cornelius Holtorf apresenta as estéticas e “modelitos” mais comuns entre arqueólogos e arqueólogas (20). Seu argumento é de que parte de nossa imagem pública não vem de fantasias leigas, mas de uma indumentária de consumo interno.

Além do visual dos e das profissionais, merecem alguns comentários as compreensões sobre as disciplinas envolvidas no estudo da pré-história e evolução humana. Muitas das explicações que foram colocadas como “centrais” (ou únicas) para resolução de problemas enfrentados pelos humanos ancestrais foram complementadas. Outro cuidado conceitual foi da associação entre “evolução” e “melhoria”, que não é mais usada há muito tempo na biologia evolutiva. O documentário da *Jornada* apresenta dados etnográficos, arqueológicos, bioantropológicos e paleoclimáticos para tecer seus argumentos, focado na divulgação das técnicas científicas e no uso dos diversos tipos de informação. Inclusive, faz uma breve crítica ao uso político dessas informações ao argumentar contra a existência proposta pela ciência chinesa, sob controle do Estado, de uma ascendência única e distinta para os chineses atuais. Sua licença poética veio na solidez de suas conclusões sobre o passado que, como sabemos, são antes hipóteses bem sustentadas que verdades absolutas. No entanto, o uso de vestígios arqueológicos, fósseis humanos, reconstituições experimentais, dados etnográficos, geográficos e climáticos passam a feliz mensagem de um ambiente de pesquisa rico, interdisciplinar, amante da diversidade, questionador, prático, complexo, divertido, emocionante e, acima de tudo, merecedor de atenção e financiamento.

IN MEDIUM PROFERRE Para finalizar, recorremos aos argumentos de Umberto Eco (21), que considera que o pecado não reside na mídia de massa em si, mas na permissividade de um “livre cambismo” cultural. Em seu livro *Apocalípticos e integrados* (2001), Eco direciona seu olhar crítico a ambos.

“O erro dos apologistas é afirmar que a multiplicação dos produtos da indústria seja boa em si, segundo um ideal homeostático do livre mercado, e não deva submeter-se a uma crítica e a novas orientações

(...)

O erro dos apocalípticos-aristocráticos é pensar que a cultura de massa seja radicalmente má, justamente por ser um fato industrial, e que hoje possa ministrar uma cultura subtraída ao conhecimento industrial” (22).

Eco faz o certo apontamento de que o erro está, e aqui concordamos com ele, em imaginar que possamos, atualmente, simplesmente ignorar e culpar a cultura de massas.

A falha está em formular o problema nesses termos: “é bom ou mau que exista a cultura de massas?”. Quando, na verdade, o problema é: “do momento em que a presente situação de uma sociedade industrial torna ‘ineliminável’ aquele tipo de relação comunicativa, conhecida como conjunto dos meios de massa, qual a ação cultural possível a fim de permitir que esses meios de massa possam veicular valores culturais” (23). O documentário em questão toma as imagens arqueológicas presentes na cultura *pop* para divulgar o potencial da pré-história e da evolução humana através de seu lado mais intrépido, divertido e não menos real. Que profissional da arqueologia nunca se emocionou com uma descoberta, ou viu-se interessado em arqueologia pela porta que abre para a compreensão do passado, do presente, do outro e de nós mesmos?

Assim, concordamos com Paulo Zanettini (24) sobre o veredicto do Dr. Indiana Jones: culpado de reproduzir uma imagem da arqueologia como uma aventura colonial, e por em risco nossa luta por algo democrático e socialmente responsável. No entanto, aproximando-nos à proposta de diálogos de Wagensberg, reforçamos a necessidade de não nos esquecermos de Jones. Ele nos é caro não morto, mas sim criticado e desconstruído em seus supostos crimes fantasiosos. Acreditamos que à medida que nossa disciplina for se apresentando como socialmente responsável e historicamente diversa, suas representações acompanhem a nova proposta: da série “E.R.” para “House M.D.” (licenças poéticas a parte).

Se, de fato, o arqueólogo ou arqueóloga querem participar da construção de sua imagem e mesmo de suas possibilidades de ação, não adianta negar ou condenar uma prática inevitavelmente existente e corrente. O arqueólogo deve sair de sua “torre de marfim”. A alienação não altera a equação: “o silêncio não é protesto, é cumplicidade; o mesmo ocorrendo com a recusa do compromisso” (23). Já está na boca do povo há muito tempo: “Quem cala, consente”.

Aline Carvalho é doutora pelo Núcleo de Estudos e Pesquisas Ambientais, da Universidade Estadual de Campinas (Nepam/Unicamp), pesquisadora e coordenadora do Laboratório de Arqueologia Pública e professora participante do Programa de Pós-Graduação em Ambiente e Sociedade (Nepam) e da Faculdade de Educação, e professora do Programa de Pós-Graduação em História, do Instituto de Filosofia, Ciências e Letras (IFCH/Unicamp).

Bruno Sanches Ranzani da Silva é mestre em antropologia pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), doutorando em história cultural na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e foi professor temporário no Departamento de Antropologia e Arqueologia da Universidade Federal de Pelotas (UFPe).

NOTAS E REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. O livro foi traduzido para o português. *O gozo intelectual*. Campinas: Editora da Unicamp, 2009.
2. Wagensberg, J. *O gozo intelectual*. Campinas: Editora da Unicamp, 2009. p.14.
3. Freire, P. *Educação como prática da liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.
4. Wagensberg, J. *Op. Cit.* 2009. p.15.
5. Rousseau, J. J. *Emílio ou da educação*. 2 ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1973.
6. Funari, P. *Arqueologia*. São Paulo: Contexto, 2003. p.15.
7. Gumbrecht, H. U. "Depois de 'Depois de aprender com a história', o que fazer com o passado agora?". In: Nicolazzi, F.; Mollo, H. M.; Araujo, V. L. (orgs). *Aprender com a história? O passado e o futuro de uma questão*. Rio de Janeiro: Editora da FGV. 2011.
8. Davis, H. "The crisis in American archaeology - an increase in destruction and decreased funding for salvage has created an archaeological crisis", *Science*, Vol. 175, pp. 267-272. 1972.
9. Schadla-Hall, T. "Editorial: Public archaeology." *European Journal of Archaeology*, pp. 147-158. 1999.
10. Merriman, N. "Introduction. Diversity and dissonance in public archaeology." In: *Public Archaeology*, edição: Nick Merriman. London/New York: Routledge, 2004a.
11. *Ibidem*, p.8.
12. Holtorf, C. *Archaeology is a brand!* Oxford: Archeopress, 2007a. p.2.
13. Holtorf, C. *Op. Cit.*
14. BBC. *A incrível jornada humana*. 2009, UK, BBC.
15. Spielberg, S. *Indiana Jones e os caçadores da arca perdida*. 1981, EUA, Lucasfilm.
16. Trigger, B. *História do pensamento arqueológico*. Tradução: Ordep Trindade Serra. São Paulo: Odysseus, 2004.
17. Spielberg, S. *Indiana Jones e o templo da perdição*. 1984. EUA, Lucasfilm.
18. Spielberg, S. *Indiana Jones e o reino da caveira de cristal*. 2008. EUA. Lucasfilm.
19. Spielberg, S. *Indiana Jones e a última cruzada*. 1989. EUA. Lucasfilm.
20. Holtorf, C. "An archaeological fashion show." In: Clack, T. e Brittain, M. *Archaeology and the media*. Walnut Creek: Left Coast. 2007b.
21. Eco, U. *Apocalípticos e integrados*. São Paulo: Perspectiva, 2001.
22. *Ibidem*, p.49.
23. *Ibidem*, p.51.
24. Zanettini, P. E. "Indiana Jones deve morrer." *Jornal da Tarde*, pp.4-5. Maio 1991.
25. Eco, U. *Op. Cit.*, p.52.

DIVULGANDO A ARQUEOLOGIA: COMUNICANDO O CONHECIMENTO PARA A SOCIEDADE

Camila Delmondes Dias
Cristiane Delfina
Glória Tega-Calippo
Maria Beatriz Rocha Ferreira
Maria Clara Ferreira Guimarães
Vera Regina Toledo Camargo

Entendemos que a parceria entre a divulgação científica e a ciência arqueológica tem por objetivo estimular a reflexão, interação e a compreensão desta ciência; bem como incentivar a disseminação de informações científicas geradas pelos arqueólogos, para a sociedade, e também, não menos importante, fornecer a eles subsídios que facilitem suas relações com os meios de comunicação de massa. Para que uma informação se torne acessível e compreensível é necessário utilizar as ferramentas e ações da divulgação científica.

A divulgação científica pressupõe ações de (re)codificação, isto é, utilizamos recursos para que a linguagem especializada e codificada do cientista possa ser difundida não somente entre os cientistas (denominamos de comunicação primária, quando uma linguagem está carregada de códigos e termos técnicos), mas é necessário que adquira outro formato, mais acessível, para chegar até o público. Através de um planejamento é importante que a divulgação da ciência possa ser difundida não apenas na mídia impressa (jornais, revistas e livros), mas também nos canais audiovisuais e nas mídias interativas e sociais, e esse processo é o que chamamos de comunicação secundária, ou seja, quando mediada pela mídia.

Para que a ciência arqueológica obtenha a sua compreensão e que possa difundir a informação de seus conteúdos, é importante criar condições e proporcionar materiais e suportes de modo que a sociedade, como um todo, possa entender e ter acesso ao conhecimento e que compreenda o seu valor e importância.

LINGUAGEM AUDIOVISUAL A arqueologia é um tema bem explorado pela linguagem audiovisual. São recorrentes os programas sobre o assunto em canais como Discovery Channel, National Geographic, documentários e filmes de ficção.

Nos processos práticos de trabalho em campo, as ferramentas e peças encontradas e os temas das pesquisas são dinâmicos, ilustrativos e podem ser bem retratados em vídeo.

A pura materialidade da arqueologia tem oferecido continuamente elementos visuais para serem filmados. E evidentemente a arqueologia é – mesmo que isto não seja reconhecido por todo o mundo – uma disciplina fortemente visual, como tem dito bem Stephanie Moser (1998), pioneira na análise da dimensão propriamente visual da arqueologia. (1)